

HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DA EDUCAÇÃO:

O arquivo pedagógico de Libânia Nacif Xavier e a Sociedade Brasileira de História da Educação

Fagno da Silva Soares^{1*}, Vinicius Kapicius Plessim²

¹Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão, Açailândia, MA, Brasil. ²Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil. *Autor correspondente. E-mail: fagno@ifma.edu.br.

SOBRE A ENTREVISTA

Entrevista foi realizada em 19 de agosto de 2025, data em que se celebra o Dia da Historiadora, realizada com a historiadora da educação brasileira Libânia Nacif Xavier. Sócia fundadora da Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE), instituição na qual exerceu a função de vice-presidenta, Libânia Nacif Xavier revisitou sua trajetória intelectual e profissional, oferecendo importantes reflexões acerca do ofício do/a historiador/a da educação e dos seus dilemas do século XXI. Entre os pontos abordados, destacou-se uma narrativa que destaca as histórias da fundação da Sociedade Brasileira de História da Educação e a análise do processo de consolidação dos estudos historiográficos em educação no Brasil. Ao final, a pesquisadora compartilhou suas considerações sobre os desafios, experiências e perspectivas da História da Educação Brasileira, colocando em relevo a densidade de uma trajetória marcada pelo compromisso com a memória, a crítica e a renovação permanente do campo.

SOBRE A ENTREVISTADA

Libânia Nacif Xavier é referência consagrada no campo da História da Educação brasileira. Professora Titular da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), onde também integra o Programa de Pós-Graduação em Educação, Libânia Nacif Xavier construiu uma trajetória marcada pela solidez acadêmica, pelo rigor historiográfico e pela dedicação à formação de novas gerações de pesquisadores e docentes. Bacharela e licenciada em História (1982, UFRJ), Mestre e Doutora em Educação Brasileira (PUC-Rio, 1993, 1999). Realizou estudos de pós-doutoramento na Universidade de Lisboa (2008) e no Departamento de Sociologia da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp, 2020). Figura proeminente na institucionalização da área, é sócia fundadora da Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE), tendo integrado sua Direção Nacional entre 2002 e 2006. Exerceu ainda a Vice-Presidência da entidade no biênio 2017-2019, destacando-se pela atuação firme e articuladora no fortalecimento do campo da História da Educação em âmbito nacional. No plano

institucional, coordenou o Doutorado Interinstitucional UFRJ–UFPI (2012-2016) e foi vice coordenadora do PPGE-UFRJ (2014-2016), revelando seu compromisso com a expansão e a qualificação da pós-graduação brasileira. A amplitude de sua obra e de atuação intelectual a consagra como uma das mais respeitadas historiadoras da educação de nosso tempo, cujos estudos sobre historiografia da educação, reformas de ensino, imprensa educacional, trajetórias docentes e políticas públicas têm inspirado novas agendas investigativas e fecundado diálogos comparativos em escala nacional e internacional. É, pois, sob o signo do reconhecimento, da admiração e da escuta atenta que damos início a esta entrevista, na qual buscamos compreender, pela tessitura de sua memória e reflexão, os sentidos mais profundos de sua trajetória humana, acadêmica e intelectual. No decurso de sua profícua trajetória intelectual e acadêmica, publicou numerosos artigos em periódicos nacionais e internacionais, sendo autora e coautora de diversos livros e capítulos. Participou de mais de uma centena de bancas de defesa de monografias, dissertações, teses e concursos públicos. Orienta dissertações e teses de doutorado, tendo também supervisionado estágios pós-doutorais na área de Educação, contribuindo de forma significativa para a formação de novos pesquisadores e para o avanço do conhecimento educacional. Dentre suas obras (Quadro 1) incluindo livros autorais e coletâneas destacam-se títulos, a saber: *O Brasil como Laboratório: Educação e Ciências Sociais no projeto do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais* (1999), *Para além do campo Educacional: um estudo sobre o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova* (2002), *Associativismo Docente e Transição Democrática: Brasil-Portugal* (2013), entre outras.

ENTREVISTA

No decurso desta entrevista, a historiadora da educação Libânia Nacif Xavier empreende uma revisitação lúcida dos marcos centrais de sua trajetória e do campo da História da Educação no Brasil. Com perspicácia crítica, Libânia tece análises que situam sua reflexão no coração dos debates acadêmicos contemporâneos, transitando com rigor e originalidade por temáticas de crucial relevância: a organização do ensino e os processos de transmissão cultural; o papel dos intelectuais e suas interfaces com o pensamento social e educacional; a história e a política educacional; bem como a preservação, circulação e difusão da memória institucional e escolar. Além disso, sua reflexão problematiza os desafios perenes e emergentes da docência no século XXI, apontando a escola e a formação docente como elementos essenciais não apenas para a emancipação social, mas também para a transformação estrutural da sociedade, reafirmando o compromisso da educação como força propulsora do conhecimento, da crítica e da cidadania.

F.S.S e V.K.P. – Fagno da Silva Soares e Vinicius Kapicius Plessim;

L.N.X. – Libânia Nacif Xavier.

F.S.S e V.K.P. *Bom dia, estimada Professora Libânia Nacif Xavier. Permita-me, antes de tudo, registrar nossa sincera gratidão pela generosidade com que acolheu este convite e pela habitual delicadeza e atenção com que se dispõe a partilhar conosco reflexões e memórias de sua trajetória. É, de fato, com júbilo intelectual e afetivo que inauguramos este espaço de diálogo, no qual buscamos não apenas revisitar itinerários pessoais, mas, sobretudo, lançar luz sobre a tessitura histórica e social que conformou sua presença no cenário da História da Educação brasileira. Como marco inicial de nossa interlocução, elegemos a dimensão biográfica como chave heurística e interpretativa. Compreendemos que apreender a densidade de sua produção intelectual e o vigor de sua contribuição à historiografia da educação exige, preliminarmente, compreender o ser humano em sua singularidade. Numa perspectiva autobiográfica revise excertos de sua trajetória de vida: infância, processo de alfabetização, influências familiares e experiências escolares que marcaram a escolha pela docência e pela investigação no campo da Educação.*

L.N.X. Bom dia, Fagno e Vinicius. Quero iniciar agradecendo o convite e a oportunidade de fazer uma síntese da minha trajetória profissional, em especial, no momento em que já percebo que o caminho trilhado é longo! Portanto, fazer esse balanço é muito pertinente e oportuno. Já que vocês estão sugerindo um ponto de partida autobiográfico, vou falar de minha infância e das influências culturais que me formaram, desde muito cedo. Sou a caçula de uma família de cinco irmãos. Meus pais - de origem rural do interior do estado do Rio de Janeiro-, investiram todos os esforços na escolarização dos filhos, muito conscientes, me parece, de que seria pela escola - pública e gratuita - que a família teria chances de ascensão social. Desde sempre, a regra para os filhos era: primeiro o estudo e só depois a brincadeira, a festa, o namoro. E isso foi muito bem entendido, tanto que meus irmãos se formaram em engenharia e medicina, os dois mais velhos, e em arquitetura e urbanismo, os dois seguintes. Eu achei por bem escolher a carreira de historiadora, pensando que aquele curso me daria régua e compasso para eu entender a realidade social.

Frequentei a escola pública, mais especificamente o Grupo Escolar Joaquim Távora, situado no Campo de São Bento, em Niterói, onde passei parte de

minha infância e adolescência. Meu pai teve que “contratar” alguém para dormir na fila, depois acordar bem cedinho para render a pessoa, a fim de garantir a vaga naquela escola. Dá para perceber que a procura por educação gratuita estatal era bem maior que a oferta de vagas no ano de 1966, período em que eu comecei a frequentar a escola primária. Na entrada da escola, os alunos uniformizados com saia /calça azul e blusa branca com o distintivo da Prefeitura, formavam filas por turma no pátio, esticando os braços e pousando no ombro do colega da frente, atendendo ao sinal de “cobrir – firme” para que a forma da fila ficasse bem ordenada. Em seguida, nós ouvíamos o hino nacional, de modo a que se criasse um ambiente de civismo naquele período inicial do regime militar implantado em 1964. Eu gostava muito da escola, das professoras, todas elas e também dos colegas da turma; adorava comer a rosquinha tipo “biscoitinho de chuva” com refresco de groselha, distribuídos gratuitamente na hora do recreio. Era boa aluna, tirava boas notas em matemática. Creio que isso, eu devo ao meu pai que me deu de presente o livro *O Homem que Calculava*, de Malba Tahan, com várias atividades divertidas visando tornar a matemática mais atrativa.¹ Na segunda série, a professora nos apresentou a obra de Monteiro Lobato. Me marcaram as leituras de *Caçadas de Pedrinho*, *O Saci* e *as Reinações de Narizinho*, esta última foi uma das histórias mais encantadoras a que eu tive acesso naqueles tempos.

Após realizar o exame de admissão, ingressei no Instituto de Educação Professor Ismael Coutinho, a escola de formação de professores de Niterói. Ali eu tive acesso a um ensino de qualidade e comecei a tomar gosto pela história. Lembro que uma professora excelente havia sumido, disseram que ela havia sido presa por ser subversiva. Hein? Achei aquilo muito estranho e meus irmãos explicaram que havia perseguição a quem fazia oposição ao regime militar. A TV chegou a mostrar as passeatas estudantis e a repressão policial. Mas, de tudo isso, se falava o mínimo. No ensino médio, - à época, segundo grau -, eu fiz prova para ingressar no Liceu Nilo Peçanha, uma escola que ocupa um prédio monumental, no centro histórico de Niterói. Sob a vigência da Lei 5692 de 1971, que estabeleceu a profissionalização compulsória no ensino de segundo grau, eu escolhi fazer Turismo, pois eu queria ter aulas de antropologia e conhecer mais a história da cidade e do país. Mas o que mais marcou essa jornada de ensino foi a leitura do livro de

¹ O arquivo do matemático Júlio César de Melo e Souza encontra-se no Centro de Memória da Faculdade de Educação da Unicamp. Para mais detalhes, ver Centro de Memória da Educação – FE/UNICAMP (2017).

Mário de Andrade, *Macunaíma*. O livro fala da identidade nacional; de ser brasileiro; de ser herói sem nenhum caráter; de brincar como os índios; dos efeitos da urbanização no país; de nossas belezas naturais e de nossas mazelas: *Muita saúva e pouca saúde os males do Brasil são!* Naquele ano de 1975, o livro foi tema do samba enredo de uma escola de samba, a Portela. O romance e o samba enredo marcaram a finalização de minha formação escolar, comemorada em grade estilo, com a turma saindo em desfile pela Avenida Amaral Peixoto, no Centro de Niterói, dançando e cantando aquele samba e aquela história com H, plena de questionamentos, tanto no que se refere ao mito do encontro entre as três raças, quanto no que se remete às teorias que atribuíam preponderância à cultura europeia na “formação do povo brasileiro”.

F.S.S e V.K.P. *Professora Libânia Nacif, diante de sua contribuição incontornável para o pensamento educacional brasileiro, gostaríamos de ouvir suas reflexões sobre as matrizes teóricas e as influências intelectuais que marcaram sua trajetória desde a graduação em História pela UFRJ (1982) até o mestrado e doutorado em Educação Brasileira pela PUC-Rio (1993 e 1999). Poderia nos situar acerca das correntes filosóficas e pedagógicas predominantes naquele contexto acadêmico e de que modo esses referenciais impactaram sua formação, seu itinerário profissional e a constituição de um olhar historiográfico crítico sobre a educação no Brasil? Nesse percurso, que autores, autoras e interlocuções foram decisivos para moldar sua identidade como pesquisadora da História da Educação e intelectual engajada no debate público sobre a escola, a docência e a cultura escolar?*

L.N.X. Ingressei no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS -UFRJ) em 1977. Período de grandes campanhas pela Anistia, pelo retorno das eleições diretas para Presidência da República, enfim, pela redemocratização do país. Esse foi clima que se respirava no IFCS e na Faculdade de História, em particular. Ali, certamente, foi uma grande escola de formação política. O mesmo eu não posso dizer sobre a formação do historiador, pois o Curso havia perdido bons professores em razão de perseguições políticas e do exílio impostos pela Ditadura militar. As disciplinas não conversavam com a produção historiográfica recente e nem tampouco com a realidade em que nós vivíamos. Visando superar as falhas em nossa formação, alguns alunos do curso, entre os quais eu me incluo, formaram um grupo de estudos para ler

Karl Marx, experiencia que contribuiu muito para ampliar a nossa visão como historiadores e a nossa percepção da realidade.

A par desse ensino fragmentado e com pouco sentido, para mim pelo menos, eu vivi a experiencia de, a convite de um colega do movimento estudantil, trabalhar com educação popular, dirigida à comunidade do Morro do Borel. Com isso, eu conheci o chamado *método* Paulo Freire de alfabetização. A leitura dos livros deste educador, em particular *Pedagogia do Oprimido* e, sobretudo *A Educação como prática da liberdade*, ofereceram o sentido que eu buscava no curso de história e, até então, não havia encontrado. Desse modo, quando passei a frequentar a Faculdade de Educação para a formação pedagógica eu vislumbrei a docência como um campo privilegiado para a prática do historiador, bem como o lugar no qual eu poderia exercer um papel relevante e transformador. Com a Lei da Anistia, parte dos professores que foram afastados do serviço público no contexto mais repressivo retornaram a seus postos da Universidade, mas eu já estava interessada em me formar e tocar a vida.

O ano de 1982, em que eu obtive o diploma de bacharel e licenciada em História coincidiu com a reconstrução política do país pós queda do regime militar. A eleição de Leonel Brizola para exercer o Governo do estado do Rio de Janeiro -- o que ocorreu por dois mandatos (1983-1987 e 1991 – 1994) foi um momento épico. Logo eu me tornei professora de história de uma escola particular de elite, localizada no Leblon e, depois, professora de ensino supletivo, numa escola pública localizada no bairro de Vila Isabel. Quando passei para a segunda vaga de professora eu atuei em uma escola da rede municipal, localizada no rico bairro de Ipanema, mas que recebia alunos da Cruzada São Sebastião² - um conjunto de prédios que, a despeito de sua localização privilegiada, fora construído para prover moradia a pessoas de baixa renda. Em 1987 eu fiquei grávida e, não raro, saía da escola aos prantos, ao saber que aquele aluno quietinho havia visto o pai falecer em uma explosão causada pela queda do bujão de gás que ele levava para casa, ou que a outra aluna, muito agitada, teve o pai e os irmãos assassinados pelo tráfico, além de outras histórias dramáticas que marcam a vida das crianças e jovens de classes populares em nosso país. A experiencia como professora da

² De acordo com a Cronologia do Pensamento Urbanístico (n.d.), a Cruzada São Sebastião é um conjunto habitacional de inspiração modernista, fundado em 1955 por iniciativa de Dom Helder Câmara, bispo auxiliar do Rio de Janeiro, visando oferecer uma solução racional, humana e cristã ao problema das favelas do Rio de Janeiro.

educação básica me suscitou muitas questões e inquietações e me estimulou a buscar outras possibilidades de inserção profissional. Assim, em 1993, eu ingressei no Curso de Mestrado em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A querida Professora Zaia Brandão orientou a minha pesquisa no mestrado, que versou sobre o Manifesto dos Pioneiros da Educa Nova, publicado em 1932. A orientação era coletiva, reunindo orientandos de diferentes níveis, desde a Iniciação Científica até o doutorado. Nós nos reuníamos semanalmente para contribuir com a pesquisa guarda-chuva, como elas denominavam e, desse modo, os temas de cada membro da equipe eram conectados a esse tema maior. Uma condição facilitava esse trabalho coletivo, o fato de todos os envolvidos contarem com bolsa de estudo. No grupo, eu tive contato com a história cultural. Houve ali, no nosso grupo de pesquisa, uma união de referências da história cultural, sobretudo a francesa, com a leitura de autores como Jacques Le Goff e Roger Chartier, com a micro história italiana, representada, naquele momento por Carlo Ginzburg. Enquanto a leitura de Le Goff nos ajudou a *desmonumentalizar* certos “pensadores da educação” que eram colocados em uma espécie de *panteon*. Por sua vez, o debate em torno às contribuições de Roger Chartier nos levou a refletir sobre os processos de transmissão cultural, nos quais se enquadravam os debates e as práticas pedagógicas, assim como os livros, manuais, materiais didáticos e afins, articulando o material e o simbólico como objetos e como dimensões de análise. Com esses historiadores, nós aprendemos a estudar a história da educação por meio de suas práticas e representações e não mais exclusivamente por meio da legislação de ensino ou pelo pensamento de seus formuladores, tal como ocorria até então, com as análises que privilegiavam uma abordagem filosófica da história da educação.

A essas referências veio se juntar a sociologia de Pierre Bourdieu, nos auxiliando a compreender a escola como lugar de reprodução das desigualdades sociais, mas igualmente, também, como locus de reconversão social. Tais formulações foram cruciais para entendermos a educação como construção intelectual e política e, também como espaço de representações simbólicas. Contribuiu, também, para compreendermos como o direito à educação pública, gratuita e de qualidade vinha sendo objeto de jogos sociais, de disputas e de lutas concorrenciais, envolvendo diversos grupos e indivíduos. No caso de minha pesquisa, em particular, o estudo de uma

sociologia dos intelectuais, bem como de uma história intelectual foi importante para melhor compreender o Manifesto de 1932 em sua historicidade. Para tanto, cursei uma disciplina com a Professora Maria Alice Resende de Carvalho, no PPG em História da PUC-Rio, que nos apresentou as principais referências nesse campo. Foram apresentadas a sociologia de Max Weber palmilhando a reflexão sobre a ciência e a política como vocações, bem como a leitura de Karl Mannheim, que chamou a nossa atenção para a articulação entre ideologia e utopia, entre os intelectuais e o desejo de interferir na vida social e política. Acrescento, ainda, a leitura de Robert Darnton, que destacou a importância da contextualização histórica no estudo dos intelectuais, de modo a captar *idioma geral de uma época*. Destaco, por fim, a leitura de Dominick LaCapra e Steven Kaplan, que recomendam que o pesquisador observe o entrecruzamento de um conjunto de contextos que permeiam a elaboração de um texto, tais como o contexto político e intelectual; a trajetória e as obras do autor; o debate intelectual (e pedagógico, no caso) que marcou a escrita e a divulgação daquele texto, entre outros contextos. No âmbito da sociologia dos intelectuais, os estudos de Luciano Martins e Sérgio Micelli, além de Daniel Pécaut foram referências importantes para melhor compreender o contexto brasileiro.

A condição de ter me tornado mestra, ou seja, alguém que tinha um tema e alguns problemas a refletir e aprofundar me animaram a dar continuidade ao estudo daquela rede de sociabilidade, bem como do repertório de ações – tal como sugere Charles Tilly – que o grupo mobilizou em defesa da educação pública democrática. Assim, eu ingressei no doutorado na mesma instituição, dessa vez, sob a orientação da saudosa Ana Waleska Mendonça. O estudo do Manifesto de 1932 havia me colocado em contato com o *movimento da escola nova*, que reuniu professores, articulistas, gestores, intelectuais de diferentes credos e ideologias, mas que se voltava para a experimentação e a produção de práticas pedagógicas, materiais de ensino e instituições educativas afinadas com certos projetos de reconstrução nacional. Daí para o encontro com Anísio Teixeira, liderança incontestada desse movimento, foi uma decorrência natural, como está registrado em artigo de minha autoria, publicado na Revista da Fiocruz (Xavier:2012). A esse respeito, a tese de

Clarice Nunes, defendida em 1991, sob orientação de Ilmar Mattos, no âmbito do doutorado na PUC-Rio, teve grande impacto.³

No contexto da década de 1990, o estudo do movimento da escola nova foi alvo de uma crítica historiográfica bastante relevante para a reconfiguração da produção acadêmica no campo da história da educação. A tese de Marta Carvalho (1987) sobre a ABE⁴ foi pioneira e inspirou um amplo leque de pesquisas sobre diferentes temas concernentes à educação brasileira. De acordo com Zaia Brandão, o estudo do movimento da escola nova precisava superar as interpretações que classificavam os *pioneiros da educação nova* ora como heróis, ora como vilões da história.⁵ Nesta afirmação, se pode ler a crítica a uma leitura rasa dos referenciais marxistas, algumas das quais reduziam a complexidade dos processos educacionais a uma história restrita à luta de classes, sem nuances ou contradições. As teses de Carvalho e de Brandão foram publicadas na Coleção Estudos CDAPH, coordenada por Marcos Cezar de Freitas e vinculada ao Instituto Franciscano de Antropologia da Universidade de São Francisco, localizado em Braganca Paulista – SP. Esta coleção divulgou as principais teses em História da Educação do país, exercendo um importante papel na circulação de conhecimentos que levaram à consolidação do campo da história e da historiografia da educação das décadas de 1990 e 2000. Eu tive a satisfação de ter a minha tese e depois a dissertação publicada nesta coleção.

Por meio dos estudos de Marta Carvalho e de Zaia Brandão, assim como de outros estudos que se seguiram, tornou-se possível perceber a historiografia da educação brasileira como um processo de construção e desconstrução da memória em várias etapas: a construção da “memória-monumento” por Fernando de Azevedo; a relativização da mesma por Jorge Nagle, Vanilda Paiva e Jamil Cury (cada um a seu modo); sua desconstrução por Saviani e, por fim, a re-historização do movimento da escola nova e do papel de seus agentes com as dissertações e teses que deram continuidade a uma perspectiva de análise apoiada no diálogo com as fontes e com as referências da história cultural em uma abordagem multidisciplinar.⁶ Considero que a minha tese de doutorado se insere nesse movimento, contribuindo para

³ Ver Nunes (2000).

⁴ Ver Carvalho (1998).

⁵ Ver Brandão (1999).

⁶ Ver Xavier (2007).

ampliar o conhecimento sobre a participação de Anísio Teixeira em múltiplas frentes e espaços de sociabilidade intelectual; focalizando um período da história do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos e do Ministério da Educação; bem como pontuando a inserção de novos atores nas lutas pela educação pública, gratuita e democrática.

Para concluir esta parte, importa dizer algo que considero importante. Trata-se da peculiaridade da pesquisa em história da educação. A meu ver, a pesquisa em História da Educação busca encontrar indícios, pistas - tal como propõe Ginzburg - para qualificar o debate sobre a educação pública e, se possível, interferir na formulação de políticas e práticas nesse setor. Faz-se necessária, assim, para ampliar as habilidades compreensivas dos diferentes sujeitos que atuam no campo, seja nas escolas de educação básica, e em seus órgãos gestores seja nas universidades ou em organizações da sociedade civil.

F.S.S e V.K.P. *Professora Libânia, considerando que a história e a historiografia da educação brasileira se consolidaram como um campo investigativo no entrecruzamento das Ciências Humanas, voltado a perscrutar a tessitura das práticas educativas, de seus sujeitos, instituições, saberes, políticas e culturas escolares, ao mesmo tempo em que interroga criticamente as narrativas que lhes deram forma, como se deu o seu encontro pessoal e intelectual com esse território de pesquisa? Em que medida essa aproximação foi atravessada por experiências biográficas, inquietações historiográficas e diálogos interdisciplinares que marcaram sua trajetória investigativa?*

L.N.X. Minha formação como historiadora e, posteriormente, como professora de história, atuando na educação básica, sempre esteve associada à perspectiva de contribuir para a melhoria da qualidade da educação pública. Importa lembrar que a minha geração tinha na educação pública um valor para a construção democrática do país. Muitos colegas que podiam pagar escola particular para seus filhos escolhiam matricular as crianças em escolas públicas com o argumento de que gostariam que os filhos conhecessem a multiplicidade cultural e social do país e que aprendessem a lidar com as diferenças de modo empático e engajado. Hoje, essa crença não se sustenta mais, infelizmente. A experiência de ter trabalhado na então denominada Secretaria de Planejamento do estado do Rio de Janeiro, realizando estudos de demanda escolar para avaliar a pertinência de construção das escolas de

educação integral - os Centros Integrados de Educação Pública (Cieps)a - nos municípios fluminenses me colocou diante de uma realidade mais ampla. Eu passei a participar do debate sobre políticas de expansão da rede escolar; a definir critérios de pertinência para a referida expansão; a analisar as necessidades e as condições para tal, em conjunto com uma equipe multidisciplinar que contava, inclusive, com a presença de engenheiros.

Observar os impactos que a construção de escolas, em geral e, em especial das escolas de educação integral projetadas por Oscar Niemeyer causava nas comunidades em que eram erguidas foi uma virada muito especial na percepção que até então eu havia tecido a respeito da educação como projeto pedagógico e de sociedade. Perceber os jogos políticos por traz da construção daquelas escolas, observar as estratégias das famílias na aceitação ou rejeição aos Cieps, enfim, visualizar a escola como território em que se operavam estratégias e táticas – no sentido atribuído por Michel de Certeau - foi um estímulo e tanto para que eu decidisse cursar o mestrado e, depois, o doutorado, me engajando na carreira acadêmica. Eu não pensava em mudar de carreira, e também, nunca vi a passagem do cargo de professora da educação básica para professora universitária como uma ruptura e um recomeço, mas como a continuidade da carreira docente, agora acrescentando a possibilidade de realizar pesquisas sobre aquelas questões que tanto me afligiam e encantavam.

Somente onze anos depois de atuar em vários tipos de escolas de educação básica e de experimentar atuar na Secretaria de Planejamento e depois na Secretaria de Educação, por um breve período, eu decidi que precisava, e muito, estudar. Entender a educação como processo de transmissão cultural, inquirir a maleabilidade das práticas escolares, bem como aprofundar a percepção sobre as lutas simbólicas que permearam os discursos da imprensa, dos poderes estatais e dos especialistas em relação à educação constituem algumas das ambições que se fizeram presentes na minha trajetória de pesquisa e que foram contempladas pelos referenciais teóricos da história cultural, como já observei. Em 2001, eu tive oportunidade de escrever um capítulo que compôs o livro comemorativo dos 25 anos da fusão da cidade do Rio de Janeiro com o estado da Guanabara, publicado pela Editora da Fundação Getúlio Vargas (FGV). Ali eu pude juntar as questões que me intrigaram durante a experiência anteriormente referida, desenvolvendo uma pesquisa sobre o lugar da Educação fluminense nos Planos de Governo do período 1975-2000; situar o papel das greves de professores naquele contexto; compreender as motivações que induziram a expansão das

escolas de educação integral por todo o estado do Rio de Janeiro, entre outras questões.⁷

Para não me alongar muito, o que ficou muito claro, em síntese, foi o valor da escola pública como moeda política – eleitoral e partidária – o que justificou tanto a propaganda favorável quanto as acusações, atos de difamação e, até mesmo a destruição física e pedagógica daquele projeto, independente do prejuízo causado a quem mais precisava das escolas de educação integral. Como eu pude constatar, não foram levados em consideração as crianças de classes populares, as mães dessas crianças que precisavam trabalhar; os profissionais que se dedicaram de modo intenso e, por vezes, apaixonado na efetivação daquela proposta pedagógica que prometia construir o futuro em novas bases. Ao intitular o capítulo com os termos *inovações e (des) continuidades*, meu objetivo foi demonstrar que, a despeito da destruição que se seguiu, os profissionais que viveram aquela experiência seguiram defendendo a educação integral, mantendo sua atualidade por meio do debate pedagógico, criando condições para a sua efetivação nos contextos em que isso fosse possível. Desse modo, não há apenas descontinuidades, pois as sementes permanecem na experiência dos sujeitos e são passadas adiante, aguardando novos contextos propícios à sua retomada e a outras formas de apropriação.

A experiência dos Cieps nos anos 1980-90 nos remete às relações de Darcy Ribeiro com Anísio Teixeira, demonstrando, a meu ver, a continuidade de aspirações e a defesa de princípios caros a uma educação pública, estatal inclusiva e adequada às condições do país. Essa continuidade intergeracional é interessante e inclui, também, o socialista Florestan Fernandes que, tendo atuado junto a Fernando de Azevedo como seu professor assistente na USP e no Centro Regional de Pesquisas Educacionais do INEP, de São Paulo, também se tornou um defensor da escola pública estatal. Observar os laços geracionais que se formaram entre esses intelectuais da educação é a prova de que a história pode e deve nos levar a buscar as conexões entre os sujeitos históricos e os contextos de suas ações de um ponto de vista relacional. Desse modo, no mestrado e no doutorado foram configurados os eixos que perpassam toda a minha produção acadêmica.

⁷ Estes estudos despertaram a curiosidade a respeito das políticas progressistas de Leonel Brizola, dando origem ao capítulo intitulado “Das Brizoletas aos Brizolões: a educação pública nos governos de Leonel Brizola” (Xavier, 2016), focalizando o programa de expansão escolar implementado por ele como prefeito de Porto Alegre (1956–1958) e como governador do Rio Grande do Sul (1959–1963)

Nesse aspecto, o movimento da escola nova, entendido como um conjunto de princípios e de repertórios de ações que animaram o debate educacional - nacional e internacionalmente - também trouxe para o meu rol de interesses o estudo dos intelectuais da educação. Nesse caso, a ideia de movimento fala de um campo abrangente de sociabilidade intelectual que congregou homens e mulheres muito diferentes, mas que se encontraram na luta pela renovação do ensino. Desse modo, tanto a publicação sobre a educação fluminense pós fusão, quanto os livros que resultaram de minha dissertação e tese (Xavier: 2002 e 1999) e, ainda, o livro sobre o associativismo docente (Xavier, 2013) que resultou do estágio pós doutoral realizado na Universidade de Lisboa, tangenciam esse movimento de renovação do ensino. Em síntese, o estudo desse movimento reúne ideias e experiências ocorridas em um arco temporal longo (1920-30/1980-90), no qual se articulam outras iniciativas de reconstrução democrática. Eu tenho absoluta clareza de que buscar continuidades na história da educação é possível e necessário, mas sem se deixar cair em anacronismos ou numa análise atemporal. Considero ser muito relevante buscar, com nossas pesquisas, observar a *recontextualização* de princípios e de repertórios de ações - pedagógicas e políticas - que nos remetem à organização da educação, como política pública e como projeto de futuro.

Ao longo do tempo, diversas ações foram compondo o repertório de intelectuais como Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro, ou Fernando de Azevedo e Florestan Fernandes, expoentes de duas gerações que se empenharam na luta em prol da educação - e da sociedade - democráticas. Muitos dos princípios que eles defenderam, tais como a responsabilidade do Estado sobre a oferta de uma educação de qualidade e a profissionalização da carreira docente, dentre outros, não foram, ainda plenamente conquistados ou sofreram retrocessos recentes. Por isso é necessário continuar pautando o debate sobre a questão. Nesse empenho, eu participei da organização de uma trilogia de textos de Anísio Teixeira, a convite da professora Jaqueline Moll, que é uma referência na luta pela ampliação do direito à educação integral entre nós e, também, com Carlos Wagner Araujo. Os três volumes das coletâneas de textos versam sobre a educação e o projeto de nação; a educação integral; a educação científica. Publicados em 2022, os volumes impressos foram distribuídos para escolas públicas e faculdades de educação do país.

No ano anterior, em pleno isolamento social, eu coordenei um projeto de extensão intitulado *Sua Escola tem História*, que contou com a organização de

um site e a divulgação nas redes sociais das histórias que os alunos extensionistas conseguiam compor a respeito das escolas públicas por eles escolhidas. No ano seguinte, o referido projeto foi contemplado pelo Edital Faperj de Apoio à melhoria das escolas públicas do Rio de Janeiro. Isso envolveu quatro professores do ensino médio como bolsistas ligados ao Projeto, mais oito bolsistas de Iniciação Científica, - quatro da História e quatro da Pedagogia - e mais dois bolsistas jovens talentos do ensino médio. Foram dois anos de muito trabalho e, também, de muita alegria ao ver o quanto aquele contato com as escolas e os professores envolvidos no projeto gerou entusiasmo entre os graduandos. Resultou, também, na publicação de cinco volumes da *Coleção Sua Escola tem história*,⁸ reunindo e explorando as fontes históricas levantadas pelo grupo; apresentando as Oficinas de história local realizadas numa Escola do município de Caxias; apresentando recomendações para organização de Centros de Memória nas escolas, entre outros temas.

F.S.S e V.K.P. *No primeiro quartel de fundação da Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE) emergiu como um marco na consolidação da História da Educação no Brasil, inaugurando espaços inéditos de reflexão, debate e circulação do conhecimento acadêmico, traduzidos em instâncias simbólicas e concretas, tais como os Congressos Brasileiros de História da Educação (CBHE), a Revista Brasileira de História da Educação (RBHE) e as coleções Horizontes da História da Educação e Documentos da História da Educação Brasileira.⁹ Passados 25 anos desde sua fundação, impõe-se a reflexão sobre o papel contemporâneo da SBHE: de que maneira a sociedade continua a reinventar paradigmas historiográficos, a promover diálogos interdisciplinares fecundos e a intervir nos debates acadêmicos e políticos que delinham e tensionam o campo educacional brasileiro? Qual é, enfim, o horizonte de*

⁸ Para acesso gratuito aos e-books da Coleção *Sua Escola tem História*, ver Carvalho et al. (2024), Correa (2024), Sant'Ana et al. (2024a, 2024b) e Xavier et al. (2023).

⁹ O primeiro CBHE realizou-se em 2000, e a 13^a edição encontra-se em fase de organização. A RBHE, lançada em 2001, mantém circulação regular e contínua, enquanto as coleções *Documentos* e *Horizontes* já contabilizam 25 volumes publicados, em formatos impressos ou digitais. Ao longo de sua trajetória, a SBHE destacou-se pelo incentivo à pesquisa e à formação docente na área, funções centrais aos seus objetivos institucionais. No plano internacional, a SBHE assumiu um papel estratégico como interlocutora da comunidade de pesquisadores brasileiros, promovendo articulações em torno de eventos científicos, publicações e projetos colaborativos com instituições estrangeiras. Além disso, a sociedade tem se pautado por uma vocação interdisciplinar, tanto no perfil diversificado de seus associados quanto na natureza abrangente de suas atividades, favorecendo o diálogo entre as grandes áreas da Educação e da História e consolidando a presença da História da Educação brasileira no cenário acadêmico global.

atuação de uma entidade que, desde seu surgimento, se propõe a entrelaçar memória, investigação e compromisso público com a educação? Conte-nos acerca de sua participação desde a fundação e sua contribuição nestes anos da SBHE

L.N.X. É interessante refletir sobre o papel da SBHE na trajetória da pesquisa em História da Educação e na minha própria trajetória. Eu havia ingressado na Faculdade de Educação da UFRJ em 1999 e em 2000 foi realizado o I Congresso Brasileiro de História da Educação (I CBHE), que teve a UFRJ como anfitriã. Eu havia me integrado ao Programa de Estudos e Documentação Educação e Sociedade (Proedes-FE/UFRJ) sob a coordenação da Professora Maria de Lourdes Fávero. Lourdinha como ela era carinhosamente chamada havia assumido com a SBHE o compromisso do Proedes sediar o I CBHE. Tendo trabalhado para prover a infraestrutura favorável à viabilização do evento, eu acompanhei as inscrições e a organização do Livro de Resumos. Além disso, achei por bem realizar um balanço do conjunto de trabalhos inscritos. Na mesa de encerramento do I CBHE, eu apresentei os resultados a que eu havia chegado e o referido balanço foi publicado em livro (SBHE, 2000). Este teve uma boa recepção junto aos sócios da SBHE, pois apresentou tópico por tópico, os avanços alcançados pela pesquisa em História da Educação, aquela que se configurara no evento, demonstrando uma importante virada proporcionada pelo diálogo com a História Cultural, com o surgimento de novos objetos de pesquisa; novas abordagens teórico-metodológicas; novos enquadramentos espaciais e temporais, entre outros deslocamentos.

Em seguida, veio o convite para que eu assumisse a Secretaria da entidade, a partir de 2002, tendo Marta Carvalho e Ana Waleska Mendonça como presidente e vice, respectivamente. Naquela época, os cursos de pós-graduação em educação em diferentes faculdades do país contavam com um número significativo de pesquisadores dedicados à pesquisa em HE, fazendo desta linha uma atrativa possibilidade de pesquisa. Como secretária, eu atuei na comunicação com os sócios e, também, na finalização dos Estatutos da Sociedade, acompanhando, ainda a organização dos Congressos realizados em Natal (2002) e em Curitiba (2004).

A partir de 2007 até o ano de 2009, eu estive envolvida em uma pesquisa comparada com a Universidade de Lisboa (UL), juntamente com o grupo coordenado pela Ana Waleska. O pós-doutoramento junto à UL se deu entre

os anos de 2008-2009. Desse período, merece destaque o importante intercâmbio com o professor Rogério Fernandes, já aposentado da UL, à época, mas muito interessado no tema do associativismo docente. Através dele, eu conheci o Professor Antônio Teodoro, da Universidade Lusófona, que também foi partícipe do movimento de organização sindical dos professores portugueses e contribuiu bastante com a minha pesquisa. Além deles, Joaquim Pintasilgo e Maria João Mogarro mais que parceiros profissionais, se tornaram também amigos. Alguns anos depois de concluído o pós-doutoramento, foi possível socializar os resultados da pesquisa mais ampla no livro *Associativismo docente e construção democrática*, publicado pela EDUERJ (Xavier, 2013). Ali, eu busquei compreender a organização dos sindicatos de professores das escolas públicas do Rio de Janeiro e de Lisboa em meio às lutas para acelerar o fim dos regimes autoritários que dominavam ambos os países e promover a democracia e a profissionalização docente.

Dez anos depois, - entre 2017 e 2019 - exerci a vice-presidência da SBHE, atendendo ao gentil convite de Carlos Eduardo Vieira, que concorreu à presidência da entidade. Nesse período, a SBHE logrou se desvencilhar de alguns entraves burocráticos ao seu funcionamento – tal como a inexistência de uma sede fixa - e realizou o nono e o décimo congressos de História da Educação, em João Pessoa (2017) e Belém (2019), respectivamente. Ainda que, atualmente, venha ocorrendo uma redução de professores e pesquisadores atuantes na linha de HE, creio que devemos lutar para que a possibilidade de pensar historicamente os processos educacionais continue tendo lugar de destaque no âmbito de nossos cursos de graduação e pós, bem como no desenvolvimento de pesquisas. E para isto, a contribuição da SBHE tem sido inestimável. Destaco a *Revista Brasileira de História da Educação*, assim como as publicações coordenadas a partir de demandas da própria entidade, em uma das quais eu organizei um volume da *Coleção Horizontes da Pesquisa em História da Educação (EDUFES)*, juntamente com Elomar Tambara e Antonio Carlos Pinheiro (2013). Tais publicações são espaços preciosos de difusão do conhecimento na área, tornando acessível ao público interessado um conjunto articulado de trabalhos acadêmicos que comprovam a fertilidade da produção acadêmica em HE, bem como a sua diversidade.

Considero relevante, por fim, assinalar a importância do Proedes como espaço que viabilizou a organização do I CBHE e abrigou a Secretaria da SBHE por quatro anos consecutivos. O fato de participar da equipe do Proedes me

suscitou muitas questões a respeito do lugar dos Centros de Memória e Documentação na estrutura da Universidade. Visando melhor compreender tais questões, eu realizei um levantamento que resultou no capítulo intitulado *Apreciação dos espaços de memória da UFRJ* (Xavier, 2007). A ideia foi conhecer outras iniciativas similares e a surpresa é que existem vários e muito interessantes espaços desse tipo no âmbito da UFRJ. Ao mesmo tempo, me interessava refletir sobre o lugar de iniciativas como esta, interesse que resultou na publicação do artigo intitulado *Impasses e perspectivas na consolidação de um Centro de Documentação: o caso do PROEDES-FE/UFRJ* em parceria com Ana Lucia Fernandes (Xavier & Fernandes, 2005). Mais recentemente, eu Ana Lúcia fomos convidadas a contar a história do Proedes em uma Revista espanhola, publicando artigo intitulado *História de um centro de memória e documentação* (Xavier & Fernandes, 2021), no qual nós assinalamos as mudanças operadas no Proedes com a entrada de novos membros e, também, com a renovação historiográfica em curso.

F.S.S e V.K.P. *Professora Libânia, ao longo de décadas de trajetória acadêmica e profissional, a senhora teceu uma produção intelectual extensa e plural, que se entrelaça com a História da Educação Brasileira e com os desafios de compreender, interpretar e transformar as práticas educativas. E, se pudesse visitar algumas dessas encruzilhadas teóricas, metodológicas ou intelectuais, que decisões tomaria de forma distinta, e de que modo essas reflexões iluminam não apenas sua trajetória pessoal, mas também os rumos da pesquisa e do debate em História da Educação no Brasil?*

L.N.X. Eu nunca pensei que poderia ter feito diferente! Como tudo, a nossa escrita é sempre datada e pode, por isso mesmo, se tornar ultrapassada diante de novas pesquisas. De fato, hoje, as pautas decoloniais e identitárias tomaram maior relevância frente aos estudos sobre educação e democracia. No âmbito da pesquisa em História estrito senso, os estudos sobre autoritarismo, heranças do fascismo, desintegração de modos e culturas antes estáveis, estão ocupando um lugar de maior relevo, por motivos óbvios, que tem a ver com as transformações que estamos vivendo nesse exato momento. Mas, como sabemos, o conhecimento de um campo de pesquisa no âmbito das Ciências Humanas e de outras áreas também, é sempre resultado de uma construção coletiva que se faz e se refaz ao longo do tempo.

A esse respeito, eu diria que a pesquisa sobre o Manifesto de 1932 estimulou o desenvolvimento de outras pesquisas que observaram a diversidade que permeou as contribuições de cada signatário, ou estudou as mulheres signatárias, em particular, ou procurou entender o movimento da escola nova em suas configurações regionais e internacionais. Isso é muito bom e ocorre porque os objetos possuem múltiplas dimensões que sempre, em qualquer trabalho, vão além dos recortes efetuados em cada estudo. No caso dos estudos sobre a liderança de Anísio Teixeira, a minha pesquisa decorreu de questões suscitadas, sobretudo nas pesquisas de Marta Carvalho, Clarice Nunes e Ana Waleska Mendonça. Ainda assim, a par do reconhecimento da influência destas pesquisadoras, o estudo que eu realizei teve a sua originalidade preservada e inspirou algumas teses e dissertações sobre a experiência do CBPE, assim como reflexões sobre os Centros regionais de Pesquisa, como é o caso da coletânea organizada por Marta Araujo e Iria Brzezinski (2006), publicada pelo próprio Inep¹⁰.

Ao olhar para trás, eu vejo como foi potente a parceira que eu mantive com Ana Waleska, mesmo após a defesa do doutorado. Eu permaneci um bom tempo articulada ao grupo de pesquisa coordenado por ela e composto por vários ex orientandos, como eu, amigas de outras instituições que compartilhavam a abordagem da HE; bolsistas de Iniciação Científica (IC), voluntários e, claro, os pós-graduandos regularmente matriculados. O grupo se reunia às sextas feiras no Proedes-UFRJ, transformado aquele local em espaço de debates e de intercâmbio intelectual. A realização de pesquisas aliada à participação em Congressos como o da ANPEd e demais encontros da área de História da Educação, foi crucial tanto para divulgar os resultados alcançados pelas nossas pesquisas quanto para dar fluência à produção acadêmica do grupo. Destaco os livros publicados pelo INEP sobre o projeto de Anísio Teixeira de formação do magistério nacional (Mendonça & Xavier, 2008) e as coletâneas assinadas por Tereza Fachada (2014); Sonia Lopes e Miriam Chaves (2012), com capítulos assinados por membros do grupo e autores convidados.

No que tange ao intercâmbio com pesquisadores portugueses, algumas publicações me são muito caras, como o capítulo sobre a República e o movimento da escola nova no Brasil e em Portugal, publicado em livro

¹⁰ Ver Araújo e Brzezinski (2006).

organizado por Alda Morão e Ângela de Castro Gomes (Xavier, 2011), publicado pela Universidade de Coimbra e outro sobre trajetórias de professores em contextos de transição democrática, em livro sobre O 25 de abril, organizado por Joaquim Pintasilgo (Xavier, 2014), publicado pela Universidade de Lisboa. Considero relevante, ainda, mencionar o artigo publicado mais recentemente (Xavier, 2024) na Revista da Universidade do Porto sobre o protagonismo docente no espaço-tempo da transição democrática das décadas de 1970-80, no Brasil e em Portugal. Os estudos comparados fazem parte de um esforço conceitual aliado à perspectiva de contextualizar culturas específicas. No caso desta pesquisa, os termos república e transição democrática, assim como os contextos de desenvolvimento da profissão docente e de ampliação de seus espaços de sociabilidade política e intelectual conduziram as análises. Não por acaso, me senti motivada e publicar dois artigos teóricos em periódicos nacionais como a *Revista Brasileira de Educação* da ANPED (Xavier, 2014) e a *Proposições*, da Unicamp (2019). O primeiro artigo aborda a construção social e histórica da profissão docente e o segundo apresenta as teorias que me auxiliaram no estudo do associativismo docente. Ao colocar a docência e os repertórios de intelectuais da educação no centro de minhas preocupações de pesquisa, minha intenção foi a de compreender as ações e formulações provenientes de atores históricos envolvidos nas lutas pela educação e pela sociedade democrática. Esta foi a bandeira da geração que experimentou viver uma ditadura e, também, a sua desconstrução para, finalmente, se envolver na reconstrução das formas de educar e de se relacionar com a política.

Por fim, eu gostaria de destacar o estudo da trajetória de um professor de ensino médio que atuou nos chamados cursos pré-vestibulares: Rubin Santos Leão de Aquino (1929-2013). Ao receber o arquivo deste professor que também foi autor de livros didáticos de orientação marxista que fizeram o maior sucesso ainda na vigência da Ditadura Militar, eu me envolvi na organização de seu acervo e na pesquisa sobre suas ações de mediação intelectual que se efetivaram por meio da docência e para além desta. O estudo da trajetória deste *intelectual mediador*¹¹ me aproximou do debate sobre ensino de história; sobre a docência como atividade de mediação intelectual, bem como da história como elemento de difusão de valores éticos e de princípios políticos. A reflexão sobre a trajetória deste professor e sua

¹¹ Sobre o conceito de intelectual mediador, ver Sirinelli (1996) e Gomes e Hansen (2016).

articulação com o contexto da Ditadura Militar e as estruturas de sensibilidade que permearam o período resultaram na tese que eu submeti ao exame de promoção a Professora Titular, em 2018 e cuja súmula pode ser encontrada no artigo publicado na *Revista História Hoje*, da ANPUH (Xavier, 2019).

Aprender com os professores da educação básica me abriu um universo povoado de criatividade e esperança, o que me animou a apresentar o projeto de extensão *Sua Escola tem História* e me aproximar com maior interesse e atenção da formação de futuros pedagogos e professores. De tudo isso, se destaca a imensa gama de possibilidades que a vida universitária nos oferece. Entre tantas possibilidades, eu procurei explorar aquelas ligadas ao ensino, à pesquisa e, recentemente à extensão.

Por tudo o que aprendi, sou muito grata! Sou grata pelas oportunidades e experiências que me permitiram socializar as buscas e descobertas que orientaram as minhas práticas e os meus estudos. Elas são o resultado das questões que me motivaram, das parcerias que me acalentaram e dos recursos teóricos e empíricos aos quais eu tive acesso. Desse modo, eu não mudaria nada do que já está pronto, ainda que aceite, sempre, críticas e sugestões que contribuam para lapidar o diálogo e a produção de novas questões e interpretações sobre a HE, proporcionando o avanço do conhecimento na área.

F.S.S e V.K.P. *À guisa de conclusão, Libânia Nacif, gostaríamos de convidá-la a compartilhar suas reflexões com os jovens que, neste momento histórico, escolhem dedicar-se à docência. Diante de sua extensa e reconhecida trajetória, como vislumbra os desafios centrais que moldam o ser professor no Brasil contemporâneo? E, em uma perspectiva mais ampla, quais dilemas estruturais e tensões cotidianas, entre políticas educacionais, demandas sociais e dinâmicas escolares, caracterizam o exercício docente neste século XXI tão complexo e multifacetado? Por fim, que orientações e sabedorias, nascidas da experiência e do rigor intelectual, poderiam iluminar aqueles que buscam trilhar este caminho com compromisso crítico e ético?*

L.N.X. Para responder a esta pergunta, eu vou retroceder ao período compreendido entre os anos de 2014 e 2018, quando eu desenvolvi uma pesquisa que focalizou os desafios de exercer a docência em áreas conflagradas do Rio de Janeiro. As publicações sobre o estudo foram escritas durante o isolamento social decorrente da pandemia da Covid-19. No

primeiro artigo, publicado na Revista da USP, *Educação e Pesquisa* (Xavier, 2021), eu procurei entender as motivações que levaram as professoras entrevistadas a permanecerem na escola onde elas atuavam, apesar do risco de morte ampliado nos momentos em que ocorriam operações policiais no entorno. E a resposta delas, de modo bem simplificado, mas certo, se apoiou no argumento de que os alunos daquela localidade precisavam delas e elas tinham esse compromisso com eles. É claro, que esse era um grupo de professoras mais experientes, que haviam trabalhado na perspectiva da educação integral e, desse modo, possuíam um capital pedagógico e uma rede de apoio na própria escola que permitiu que elas estruturassem estratégias para enfrentarem esses desafios com clareza sobre os limites de sua atuação profissional. No segundo artigo, publicado na *Estudos Ibero Americanos* (Xavier, 2021) eu discuto as relações entre docência, gênero e processos formativos, a partir da trajetória de uma dessas professoras, que bolou estratégias pedagógicas incríveis - e, ao mesmo tempo, simples - para dar aos seus alunos, as vivências que lhe faltavam em razão da pobreza.

O que eu aprendi com essa pesquisa e gostaria de compartilhar com os jovens professores e pesquisadores tem relação com o compromisso republicano para com a escola pública e seus alunos. Entre o grupo que colaborou com a pesquisa, esse compromisso falou alto e definiu estratégias para contornar as dificuldades. Isto significou se unir em prol de um objetivo comum e de um trabalho guiado por padrões muito claros de conduta ética e profissional, mesmo nas situações mais difíceis. Elas demonstraram ser capazes de avaliar racionalmente as possibilidades de sucesso ou de fracasso do repertório de estratégias que elas podem mobilizar em certas situações, preservando, assim, a si e ao coletivo da escola. Como elas mesmas reafirmaram, isso não resolve a situação, mas te oferece calma para enfrentar os desafios e para lidar com as consequências.

Então, foi no envolvimento com essas pesquisas, na organização dos cursos que ministrei na graduação e na pós, assim como no intercâmbio com outros professores e pesquisadores que eu fui aprendendo a realizar, da melhor maneira possível, os imperativos da profissão, seguindo em frente como profissional e como pessoa em constante aprendizado.

F.S.S e V.K.P. Professora, dirigimos a você nossa mais profunda e reverente gratidão por nos receber em sua oficina pedagógica esse espaço-laboratório onde as ideias não apenas se encontram, mas se entrelaçam, se tensionam e se transformam sob o fio invisível da esperança. Aqui, o pensamento crítico não se limita ao exercício intelectual, mas também é semente viva, que germina no solo fértil da consciência, floresce em atos de resistência e produz frutos de transformação que ultrapassam as fronteiras da sala de aula. Em cada gesto, em cada reflexão, em cada arquivo preservado, percebe-se a força de uma trajetória dedicada a pensar e reinventar a educação. Este é o território onde memórias se convertem em história, e história se converte em inspiração para aqueles que ousam sonhar, investigar e transformar histórias e memórias do arquivo mnemônico-pedagógico de Libânia Nacif Xavier para pensar a educação brasileira. Nossa gratidão e reverência.

L.N.X. Belas palavras! De fato, cada professor, cada pesquisador é um arquivo de experiências que se convertem em memória e está em aprendizado, para si e para todos os que compartilham o interesse pela docência e pela pesquisa, pela educação e pelo conhecimento científico. Nesses tempos de recrudescimento dos discursos de ódio e de disseminação de notícias falsas, que promovem a desinformação e tentam destruir consensos éticos políticos, o nosso papel como educadores e como produtores de conhecimento ganha relevância ainda maior. Que as sementes plantadas pelas gerações de educadores que se sucedem sejam férteis no empenho de pavimentar condições para fortalecer a lucidez e a empatia diante dos desafios que caracterizam o nosso tempo.

Quadro 1 – Obras de Libânia Nacif Xavier mobilizadas nesta entrevista

Tipo	Publicação
a) Livros e coletâneas	Mendonça, A. W., & Xavier, L. N. (2008). <i>Por uma política de formação do magistério superior: O Inep-MEC dos anos 1950–60</i> . Inep-MEC.
	Xavier, L. N. (1999). <i>O Brasil como laboratório: Educação e ciências sociais no projeto do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (1950–1960)</i> . Universidade São Francisco.
	Xavier, L. N. (2002). <i>Para além do campo educacional: Um estudo sobre o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (1932)</i> . Edusf.
	Xavier, L. N. (2013). <i>Associativismo docente e construção democrática: Brasil–Portugal (1950–1980)</i> . Eduerj; Faperj.

Tipo	Publicação
	Xavier, L. N. (2022). <i>A educação e o projeto de nação</i> (J. Moll & C. W. C. Araújo, Eds.). Editora Empresa Gráfica da Bahia.
	Xavier, L. N., Tambara, E., & Pinheiro, A. C. F. (Eds.). (2011). <i>História da educação no Brasil: Matrizes interpretativas, abordagens e fontes predominantes na primeira metade do século XXI</i> . Edufes; Sociedade Brasileira de História da Educação.
b) Artigos	Fernandes, A. L. C., & Xavier, L. N. (2017). Buscando os nexos, contornando as distâncias: A comparação na pesquisa em história da educação. <i>Educação, Sociedade & Culturas</i> , (51), 33–55. https://doi.org/10.34626/esc.vi51.83
	Xavier, L. N. (2012b). Universidade, pesquisa e educação pública em Anísio Teixeira. <i>História, Ciências, Saúde – Manguinhos</i> , 19(2), 669–682. https://doi.org/10.1590/S0104-59702012000200017
	Xavier, L. N. (2014a). A construção social e histórica da profissão docente uma síntese necessária. <i>Revista Brasileira de Educação</i> , 19(59), 827–849. https://doi.org/10.1590/S1413-24782014000900002
	Xavier, L. N. (2019). Rubim Santos Leão de Aquino (1929–2013): Ensino e militância política na trajetória de um professor de história. <i>Revista História Hoje</i> , 8(15), 278–301. https://doi.org/10.20949/rhhj.v8i15.515
	Xavier, L. N. (2020). Contribuições ao estudo do associativismo docente. <i>Pro-Posições</i> , 30, 1–23. https://doi.org/10.1590/1980-6248-2018-0013
	Xavier, L. N. (2021a). A docência entre o ideal republicano e as violências do cotidiano. <i>Educação e Pesquisa</i> , 47, e236303. https://doi.org/10.1590/S1678-4634202147236303
	Xavier, L. N. (2021b). Docência, gênero e processos formativos: Considerações sobre práticas de mediação pedagógica em contextos adversos. <i>Estudos Ibero-Americanos</i> , 47(3), e39977. https://doi.org/10.15448/1980-864X.2021.3.39977
	Xavier, L. N. (2024). O protagonismo docente no espaço-tempo da transição democrática das décadas de 1970–80, no Brasil e em Portugal. <i>História: Revista da FLUP</i> , 14(1), 182–199. https://doi.org/10.21747/0871164X/hist14_1a9
	Xavier, L. N., & Fernandes, A. L. C. (2005). Impasses e perspectivas na consolidação de um centro de documentação: O caso do Proedes/UFRJ. <i>Horizontes</i> , 23(2), 127–134. https://lyceumonline.usf.edu.br/webp/portalUSF/edusf/publicacoes/Revista Horizontes/Volume_02/uploadAddress/horiz-6%5B6185%5D.pdf

Tipo	Publicação
	Xavier, L. N., & Fernandes, A. L. C. (2021). História de um centro de memória e documentação. <i>Revista Cabás</i> , 26, 3–20.
	Xavier, L. N., & Mogarro, M. J. (2011). Itinerários profissionais de professores no Brasil e em Portugal: Redes de intercâmbio no contexto de expansão do movimento da Escola Nova. <i>História da Educação</i> , 15(33), 117–136. https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/20107
c) Capítulos de livros publicados	Xavier, L. N. (2001). Particularidades de um campo disciplinar em consolidação: Balanço do I Congresso Brasileiro de História da Educação (RJ/2000). In Sociedade Brasileira de História da Educação (Ed.), <i>Educação no Brasil: História e historiografia</i> (pp. 217–234). Autores Associados; Sociedade Brasileira de História da Educação.
	Xavier, L. N. (2007). Apreciação dos espaços de memória da UFRJ. In A. J. B. de Oliveira (Ed.), <i>A universidade e os múltiplos olhares sobre si mesma</i> (pp. 153–173). UFRJ/FCC/SIBI.
	Xavier, L. N. (2012a). A profissão docente em contextos de transição democrática: Brasil e Portugal 1970–80. In S. de C. Lopes & M. W. Chaves (Eds.), <i>A história da educação em debate: Estudos comparados, profissão docente, família e igreja</i> (pp. 229–255). Mauad.
	Xavier, L. N. (2014b). A República e o movimento da Escola Nova: Atores, experiências e legado histórico. In A. Mourão & Â. de C. Gomes (Eds.), <i>A experiência da Primeira República no Brasil e em Portugal</i> (2nd ed., pp. 279–316). Imprensa da Universidade de Coimbra.
	Xavier, L. N. (2014c). Trajetórias profissionais de professores em contextos de transição democrática. In J. Pintassilgo (Ed.), <i>O 25 de abril e a educação: Discursos, práticas e memórias docentes</i> (pp. 149–166). Colibri.
	Xavier, L. N. (2016). Das Brizoletas aos Brizolões: A educação pública nos governos de Leonel Brizola. In A. Freire & J. Ferreira (Eds.), <i>A razão indignada: Leonel Brizola em dois tempos (1961–1964 & 1979–2004)</i> (pp. 273–299). Civilização Brasileira.

REFERÊNCIAS

- Araújo, M. M. de, & Brzezinski, I. (Eds.). (2006). *Anísio Teixeira na direção do Inep: Programa para a reconstrução da nação brasileira (1952–1964)*. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. <https://www.gov.br/inep/pt-br/centrais-de-conteudo/acervo-linha-editorial/publicacoes-diversas/historia-da-educacao/anisio-teixeira-na-direcao-do-inep-programa-para-a-reconstrucao-da-nacao-brasileira-1952-1964>
- Brandão, Z. (1999). *A intelligentsia educacional: Um percurso com Paschoal Lemme por entre as memórias e as histórias da Escola Nova no Brasil*. IFAN-CDAPH; Editora da Universidade São Francisco.
- Carvalho, F. G. de, Gomes, J. de A., & Machado, I. L. (2024). *As classes secundárias experimentais: Um ensaio de inovação pedagógica*. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Faculdade de Educação. <https://hdl.handle.net/11422/25417>
- Carvalho, M. M. C. de. (1998). *Molde nacional e fôrma cívica: Higiene, moral e trabalho no projeto da Associação Brasileira de Educação (1924–1931)*. EDUSF.
- Centro de Memória da Educação – FE/UNICAMP. (2017, 1 de agosto). *Malba Tahan*. <https://malbatahan.com.br/centro-de-memoria-da-educacao-feunicamp/>
- Correa, R. A. (2024). *Guia prático para a construção de um centro de memória escolar*. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação, Programa de Estudos e Documentação Educação e Sociedade. <https://hdl.handle.net/11422/25416>
- Cronologia do Pensamento Urbanístico. (n.d.). *Construído o conjunto habitacional Cruzada São Sebastião*. <https://cronologiadourbanismo.ufba.br/apresentacao.php?idVerbete=1567>
- Gomes, A. M. de C., & Hansen, P. S. (Eds.). (2016). *Intelectuais mediadores: Práticas culturais e ação política*. Civilização Brasileira.
- Mendonça, A. W., & Xavier, L. N. (2008). *Por uma política de formação do magistério superior: O Inep-MEC dos anos 1950–60*. Inep-MEC.
- Nunes, C. (2000). *Anísio Teixeira: A poesia da ação*. EDUSF.
- Sant’Ana, R. E. da S., Silva, F. dos S., & Cunha, S. da R. (2024a). *A história oral como recurso à memória da Escola Estadual Professora Cordélia Paiva*. Universidade Federal

do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação, Programa de Estudos e Documentação Educação e Sociedade. <https://hdl.handle.net/11422/25414>

Sant'Ana, R. E. da S., Silva, F. dos S., & Cunha, S. da R. (2024b). *Oficinas de ensino na perspectiva da história local: Duque de Caxias e a Escola Estadual Professora Cordélia Paiva*. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação, Programa de Estudos e Documentação Educação e Sociedade. <https://hdl.handle.net/11422/25415>

Sirinelli, J.-F. (1996). Os intelectuais. In R. Rémond (Ed.), *Por uma história política* (D. Rocha, Trans., pp. 231–270). Editora UFRJ; Editora FGV.

Sociedade Brasileira de História da Educação. (n.d.). *Sobre a SBHE*. Recuperado em 21 de junho de 2026, de <https://sbhe.org.br/about/>

Xavier, L. N. (1999). *O Brasil como laboratório: Educação e ciências sociais no projeto do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (1950–1960)*. Universidade São Francisco.

Xavier, L. N. (2002). *Para além do campo educacional: Um estudo sobre o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (1932)*. EDUSF.

Xavier, L. N. (2007a). Apreciação dos espaços de memória da UFRJ. In A. J. B. de Oliveira (Ed.), *A universidade e os múltiplos olhares sobre si mesma* (pp. 153–173). UFRJ/FCC/SIBI.

Xavier, L. N. (2007b). Por entre as memórias da Escola Nova. *Revista Teias*, 1(1). <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/23832>

Xavier, L. N. (2012). Universidade, pesquisa e educação pública em Anísio Teixeira. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, 19(2), 669–682. <https://doi.org/10.1590/S0104-59702012000200017>

Xavier, L. N. (2013). *Associativismo docente e construção democrática: Brasil–Portugal (1950–1980)*. Eduerj; Faperj.

Xavier, L. N. (2014a). A construção social e histórica da profissão docente: Uma síntese necessária. *Revista Brasileira de Educação*, 19(59), 827–849. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782014000900002>

Xavier, L. N. (2014b). A República e o movimento da Escola Nova: Atores, experiências e legado histórico. In A. Mourão & Â. de C. Gomes (Eds.), *A experiência da Primeira República no Brasil e em Portugal* (2nd ed., pp. 279–316). Imprensa da Universidade de Coimbra.

- Xavier, L. N. (2014c). Trajetórias profissionais de professores em contextos de transição democrática. In J. Pintassilgo (Ed.), *O 25 de abril e a educação: Discursos, práticas e memórias docentes* (pp. 149–166). Colibri.
- Xavier, L. N. (2016). Das Brizoletas aos Brizolões: A educação pública nos governos de Leonel Brizola. In A. Freire & J. Ferreira (Eds.), *A razão indignada: Leonel Brizola em dois tempos (1961–1964 & 1979–2004)* (pp. 273–299). Civilização Brasileira.
- Xavier, L. N. (2019). Rubim Santos Leão de Aquino (1929–2013): Ensino e militância política na trajetória de um professor de história. *Revista História Hoje*, 8(15), 278–301. <https://doi.org/10.20949/rhhj.v8i15.515>
- Xavier, L. N. (2020). Contribuições ao estudo do associativismo docente. *Pro-Posições*, 30, 1–23. <https://doi.org/10.1590/1980-6248-2018-0013>
- Xavier, L. N. (2021a). A docência entre o ideal republicano e as violências do cotidiano. *Educação e Pesquisa*, 47, e236303. <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202147236303>
- Xavier, L. N. (2021b). Docência, gênero e processos formativos: Considerações sobre práticas de mediação pedagógica em contextos adversos. *Estudos Ibero-Americanos*, 47(3), e39977. <https://doi.org/10.15448/1980-864X.2021.3.39977>
- Xavier, L. N. (2024). O protagonismo docente no espaço-tempo da transição democrática das décadas de 1970–80, no Brasil e em Portugal. *História: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, 14(1), 182–199. https://doi.org/10.21747/0871164X/hist14_1a9
- Xavier, L. N., & Fernandes, A. L. C. (2005). Impasses e perspectivas na consolidação de um centro de documentação: O caso do Proedes/UFRJ. *Horizontes*, 23(2), 127–134. https://lyceumonline.usf.edu.br/webp/portaUSF/edusf/publicacoes/RevistaHorizontes/Volume_02/uploadAddress/horiz-6%5B6185%5D.pdf
- Xavier, L. N., & Fernandes, A. L. C. (2021). História de um centro de memória e documentação. *Revista Cabás*, 26, 3–20.
- Xavier, L. N., Carvalho, F. G. de, Gomes, J. de A., & Machado, I. L. (2023). *A Forja: Um jornal dos alunos do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (1955–1967)*. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Faculdade de Educação. <https://hdl.handle.net/11422/25409>
- Xavier, L. N., Moll, J., & Araújo, C. W. C. (Eds.). (2022). *A educação e o projeto de nação*. Editora Empresa Gráfica da Bahia.

Xavier, L. N., Tambara, E., & Pinheiro, A. C. F. (Eds.). (2011). *História da educação no Brasil: Matrizes interpretativas, abordagens e fontes predominantes na primeira década do século XXI*. EDUFES.

FAGNO DA SILVA SOARES: Doutor em Geografia Humana (FFLCH/USP) e Doutorando em História Econômica (FFLCH/USP). Mestre em História do Brasil (UFPI). Realiza em estudos de pós-doutorado em História Pública Digital Aplicada (UFF). Licenciado em História e Sociologia (UEMA/Uninter). Bacharel em Museologia e Antropologia (Uniasselvi). Pesquisador do Núcleo de Estudos de História Oral, da Universidade de São Paulo (NEHO/USP). Líder do CLIO & MNEMÓSINE - Centro de Estudos e Pesquisa em História Oral e Memória (IFMA). Professor de História do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA/Campus Açailândia).

E-mail: fagno@ifma.edu.br

<https://orcid.org/0000-0002-0829-300X/>

VINICIUS KAPICIUS PLESSIM: Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (USP), Mestre em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas pela Faculdade de Educação da Baixada Fluminense da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FEBF/UERJ).

E-mail: vinikapicius@yahoo.com.br

<https://orcid.org/0000-0002-2236-6025/>

Recebido em: 10.12.2025

Aprovado em: 11.06.2025

Publicado em: 22.06.2025

EDITOR ASSOCIADO RESPONSÁVEL:

Carlos Eduardo Vieira (UFPR)

E-mail: cevieira9@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-6168-271X>

COMO CITAR ESTA ENTREVISTA:

Soares, F. da S., & Plessim, V. K. Histórias e memórias da educação: O arquivo pedagógico de Libânia Nacif Xavier e a Sociedade Brasileira de História da Educação. (2026). *Revista Brasileira de História da Educação*, 26. DOI: <http://doi.org/10.4025/rbhe.v26.2026.e417>

FINANCIAMENTO:

A RBHE conta com apoio da Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE) e do Programa Editorial (Chamada Nº 30/2023) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

DISPONIBILIDADE DE DADOS:

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado na própria entrevista.

LICENCIAMENTO:

Esta entrevista é publicada na modalidade Acesso Aberto sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 (CC-BY 4).